

CLÁUDIA APARECIDA ÂNGELO

**ANTÔNIO PEREIRA E FURQUIM NO CONTEXTO DA MINERAÇÃO
NO INÍCIO DO SÉCULO XIX**

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

MARIANA, 2001

CLÁUDIA APARECIDA ÂNGELO

**ANTÔNIO PEREIRA E FURQUIM NO CONTEXTO DA MINERAÇÃO
NO INÍCIO DO SÉCULO XIX**

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em História.

Orientador: Prof. Andréa Lisly

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

MARIANA, 2001

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível com a participação de algumas pessoas que me foram importantes. Dedico-o a todos esses que me inspiraram, me incentivaram ajudaram, principalmente a minha família (pai, mãe e irmãos, que me apoiou de forma incondicional. A minha orientadora Andréa Lisly pela sua colaboração e estímulo. Às funcionárias do arquivo da câmara. Enfim, a todos eles, meu eterno agradecimento.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	5
1.1- APRESENTAÇÃO DO TEMA	5
1.2-OBJETIVO	6
1.3-JUSTIFICATIVA	7
1.4- PROBLEMATIZAÇÃO E HIPÓTESES	9
1.5 -METODOLOGIA	11
2 -O DEBATE HISTORIOGRÁFICO	12
2.1 - A HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL	12
2 2 - A HISTORIOGRAFIA REVISIONISTA	14
3 - LOCALIZAÇÃO DE ANTÔNIO PEREIRA E FURQUIM	16
3.1- O ARRAIAL DE ANTÓNIO PEREIRA	19
3.2 - O ARRAIAL DE FURQUIM	25
4-CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5-NOTAS	35
6-FONTES	36
7 - REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA	37

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - APRESENTAÇÃO DO TEMA

A sociedade mineira se desenvolveu a partir da preocupação fundamental com a exploração do ouro. Em torno dele os homens organizaram suas vidas, nasceram importantes vilas auríferas e surgiram inúmeros arraiais ou povoações que se desenvolveram a partir da descoberta do ouro em finais do século XVIII. Algumas dessas cidades são famosas por suas origens e nelas viveram importantes personagens que mais tarde fariam parte da história do nosso país. São cidades como Vila Rica, atualí Ouro Preto, Congonhas de Campo, Mariana, entre outras, que tradicionalmente conhecidas se tornaram importantes centros comerciais no período da mineração. Alguns de arraiais se transformaram em cidades, dentro de um processo de busca e descoberta de novas minas de ouro.

A atividade de exploração do ouro foi dominante, vantajosa e lucrativa no desenvolvimento da sociedade mineira e na constituição da sua História. Durante o período de descobrimento e exploração do ouro a região das minas registrou um progresso notável; em termos de urbanização: igrejas, ruas e inúmeros edifícios foram construídos e caracterizam a história desse período. Uma das grandes consequências da exploração do ouro foi a atração de inúmeras pessoas para o interior de nosso território, proporcionando o povoamento do sertão e de zonas inexploradas.

Importantes debates foram feitos por historiadores brasileiros que fizeram das região das minas seu objeto de estudo. Nosso estudo pretende dialogar com as teorias disponíveis a respeito da questão económica regional de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX. Confrontando-se a *historiografia tradicional*, que enfatiza a crise ou falência geral das Minas Gerais após a queda na exploração do ouro, com a *historiografia revisionista*, que considera que houve uma rearticulação dessas regiões com o surgimento de outras atividades, iniciamos um estudo de duas regiões; António Pereira e Furquim, para verificarmos - empiricamente - a aplicabilidade dos modelos acima indicados. E importante ressaltarmos que consideraremos o início do século XIX, momento em que o ouro já se encontrava escasso.

1.2-OBJETIVO

O nosso objetivo é contrastar as duas regiões mineradoras como economicamente distintas, no início do século XIX, a saber, Antônio Pereira e Furquim, inserindo-as no debate historiográfico dos autores tradicionais e revisionistas.

Especificadamente observar como a ideia da decadência do ouro se aplica para essas regiões; se podemos afirmar que essa decadência proporcionou realmente a queda económica indiscriminada dessas regiões mineradoras como querem os autores da corrente historiográfica tradicional; perceber se houve o desenvolvimento de outras atividades distintas da mineração no período proposto e finalmente promover um debate contrastando as características económicas das mesmas regiões . Para alcançar tal objetivo tentaremos levantar aspectos do povoado de Antônio Pereira e Furquim. Com Listas Nominativas observar a ocupação da população procurar

perceber qual papel ocupou a atividade mineradora em ambas regiões.

1.3 - JUSTIFICATIVA

Tão logo se deram os primeiros achados pelos bandeirantes a corrida que para minas se deu foi enorme. Vieram pessoas das demais regiões brasileiras e de Portugal. Isso proporcionou um povoamento dessa região de forma rápida e intensa. Todos eram motivados pela fome do ouro, em busca de riqueza fácil. Em nenhuma outra região aconteceu algo tão peculiar como em Minas.

A dinâmica da exploração aurífera nos leva a crer na quantidade de variações (origem dos seus desbravadores e descobridores, as diferentes formas de exploração e ocupação das terras descobertas, da articulação comerciais dos centros exploradores entre si e com outras regiões) a que essas regiões estiveram sujeitas e a considerar vários fatores no estudo, compreensão e descrição de suas economias. A articulação econômica das regiões mineradoras no período pós exploratório da mineração levou os historiadores a se posicionarem de forma diversa e alguns, até mesmo contraditória, e a ideia de decadência deu lugar à dúvida. Os estudos que estes historiadores fizeram foram muitos e em diferentes regiões de Minas Gerais. O que ficou claro para nós é que a especificidade de cada uma dessas regiões se fez visível sendo, diante disso, de grande significância elaborar um debate dentro das perspectivas da historiografia tradicional e da historiografia revisionista para essas regiões mineradoras sem considerá-las de forma isolada, o que já vem sendo feito com grande

êxito. As informações sendo relativizadas poupa-nos de análises simplistas e afasta-nos um pouco do erro nas afirmações conclusivas.

As regiões a serem pesquisadas neste trabalho, entre outras, integravam o Termo de Mariana e foram importantes centros mineradores até o século XIX. Através dos dados colhidos e observados por Francisco Eduardo Andrade para a região de Furquim poderemos perceber que esta não se estagnou com o fim da atividade mineradora, pois desenvolveu outras atividades. Corrobora pois, as abordagens dos autores revisionistas. Mas este estudo é válido para outras regiões mineradoras? Ou existiram regiões em que é válido considerarmos a abordagem dos autores tradicionais? O distrito de Antônio Pereira teria sido um dessas regiões onde a historiografia tradicional se aplica? Teria sido esta, uma região que, mesmo tendo uma participação segura na dinâmica da economia mineradora, não conseguiu o desenvolvimento acentuado de outras atividades, com o fim da mineração?. Corroborando assim as abordagens dos autores tradicionais? Antônio Pereira e Furquim foram distritos que, nos tempos áureos, proporcionaram certa lucratividade para a metrópole através de Vila Rica, pois estavam inseridos na rota de regiões rentáveis que foram exploradas no período do apogeu do ouro. Hoje, século XXI, a ausência de um desenvolvimento econômico nos sugere a estagnação que teria se iniciado em fins exploração do ouro, já proposta pelos autores da teoria tradicional, estagnou-se após a decadência do ouro. Nada parece demonstrar o contrário para quem chega ao distrito e observa o cenário da região atualmente. Neste trabalho analisaremos mais profundamente os aspectos econômicos dessas regiões.

1.4 - PROBLEMATIZAÇÃO E HIPÓTESES

Ao analisar a decadência da mineração nas regiões mineiras a historiografia revisionista nos propõe uma visão de continuidade, ou seja, a economia não se estagnou após a decadência, devido às outras atividades que teriam se desenvolvido paralelamente à exploração das minas. Muitos autores trabalham com esta ideia analisando várias regiões onde nota-se a presença de outras atividades. Autores como Douglas Cole Libby, Ana Lúcia Duarte Lanna, Alcir Lenharo, Francisco Iglesias, dentre outros que em seus trabalhos apontam a existência de outras atividades agrícolas, manufatureiras ou industrial, contrapõem-se com autores tradicionais que viram na decadência do ouro o fim, ou a estagnação económica destas regiões pela ausência do desenvolvimento de outras atividades lucrativas. Autores como Celso Furtado, Roberto Simonsen, Oliveira Martins, Francisco Vidal Luna, Iraci dei Nero da Costa, descrevem como as minas foram exploradas e a geografia das regiões, com o fim da exploração, baseados, em alguns casos, em relatos de viajantes como Saint- Hilaire. Para esses autores as atividades paralelas, desenvolvidas na época da exploração aurífera, estavam relacionadas às necessidade que a própria mineração demandava. É dentro do contexto destas regiões dependentes economicamente da exploração mineradora que António Pereira, entre outras regiões, se inserem.

Auguste de Saint-Hilaire e Charles Bunbury em relatos de suas viagens pela províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais descrevem o distrito de Antônio Pereira como decadentes e sem sinal de cultura ou desenvolvimento económico.

Esses viajantes consideraram o tipo de vegetação e a geografia e não descreveram vestígios de outras atividades no distrito de Antônio Pereira.

Segundo estudo de Francisco Eduardo de Andrade, o distrito de Furquim, enquanto paróquia, se localizava no leste florestal na região de Mariana, e juntamente com Nossa Senhora dos Remédios, Catas Altas e Antônio Pereira integravam o termo de Mariana. A paróquia de Furquim experimentou, nas primeiras décadas do século XIX, um processo adiantado e "terminal" de reordenamento económico, centrado nas atividades agrícolas, segundo estudo de Francisco Eduardo de Andrade. Ele considera que já na metade primeira metade do oitocentos o Termo de Mariana já convivía com atividades agrícolas e da mineração do ouro e pedras concomitantemente. Esse historiador estudou as características agrárias destas regiões através de listas nominativas de 1819 e 1822 e entre seus achados, a região de Furquim se caracterizou como uma região com certo desenvolvimento económico a partir do surgimento de outras atividades distintas da mineração. Para
Carla Maria Almeida

'(...) o declínio da mineração não provocou transformações bruscas na estrutura produtiva estabelecida. O que houve foi uma reestruturação económica onde as atividades mercantis de subsistência passariam a ocupar o lugar de atividade nuclear permanecendo no entanto, a mesma lógica de funcionamento verificada no período de auge minerador".¹

Como vimos na apresentação deste trabalho, o debate historiográfico é intenso e cheio de lacunas a serem preenchidas. Para estudar a economia de Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX, é preciso considerarmos uma série de fatores a que cada região esteve sujeita. As análises, dessa forma, não podem ser simplistas nem

generalizantes, pois cada região se articulou de forma bem definida e específica dentro de seu contexto. Isto ficará mais claro ao analisarmos as economias de Furquim e António Pereira para as primeiras décadas do século XIX. Numa análise mais detalhada com outras regiões poderemos melhor visualizar esta questão. Este trabalho procurará elaborar uma articulação apenas entre as regiões de António Pereira e Furquim. Se houve um desenvolvimento diferenciado entre elas qual teria sido a causa? As diferentes condições geográficas? A ausência de uma política de incentivo para o desenvolvimento de outras atividades? Ficarão claro no final deste trabalho a multiplicidade de relações e considerações que podem ser estabelecidas.

1.5-METODOLOGIA

Os dados utilizados para a pesquisa foram coletados diretamente da Lista Nominativa de Habitantes de António Pereira e Furquim, que se encontra no Arquivo Histórico da Câmara de Mariana. Escolhemos tais localidades pelo fato dessas regiões participarem da atividade mineradora de forma ativa permitindo avaliar o alcance dos dois modelos historiográficos, o tradicional e o revisionista. A metodologia empregada foi a da demografia histórica.

Procuramos levantar aspectos dessas regiões tentando perceber o impacto da atividade mineradora no seu desenvolvimento económico. Observamos as descrições das ocupações exercidas pela população (escravos, chefes de domicílios), contabilizando-as e caracterizando-as. Trabalharemos alguns conceitos como decadência e desenvolvimento económico na visão dos autores citados. Utilizamos os relatos de viajantes como Saint-Hilaire e Bunbury, assim como discutimos a economia mineira na passagem do século XVIII para o XIX. Apontaremos os aspectos da pobreza mineira abordada pelos autores. Por fim, utilizaremos gráficos para melhor visualizar as análises feitas e incrementar as informações.

2 - DEBATE HISTORIOGRÁFICO

2.1 - A HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL

Desde os finais dos anos trinta do nosso século, a historiografia de Minas Gerais vem sendo analisada através de teorias e conceituações diferenciadas. Alguns historiadores privilegiaram a ideia de "ciclo económico", insistindo no carácter exógeno da economia de então. Outros apostaram em pesquisas empíricas, atentando-se para a possibilidade de encontrar regiões onde prevalecesse a atividade agropecuária não destinada à exportação e uma economia notadamente de subsistência.

Viajantes como Saint-Hilaire, Charles Bunbury e autores como Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Roberto Simonsen, são alguns dos que acreditam na decadência da mineração como explicação para a decadência económica das regiões mineradoras.

Segundo Caio Prado Júnior o desenvolvimento e posterior esgotamento da mineração deixou o Brasil em ruínas, com seus recursos naturais destruídos. Para este autor a própria sociedade desorganizada que nas minas se instalou proporcionou a sua decadência, uma vez que aos mineradores interessava apenas extrair metais e enriquecer rapidamente, ávidos pela fome do ouro:

"A indústria mineradora no Brasil nunca foi além, na verdade, desta aventura passageira que mal tocava num ponto para abandoná-lo logo em seguida e passar adiante. E é esta a causa principal por que, apesar da riqueza relativamente avultada que produziu, drenada aliás toda para fora do país, deixou tão poucos vestígios, a não ser a prodigiosa destruição de recursos naturais que semeou pelos distritos mineradores..."²

As atividades distintas da mineração tiveram um caráter secundário e de pouca importância. Sua presença se explica pelas dificuldades geográficas das regiões mineradoras a permitirem acesso a este tipo de mercadoria. Elas teriam surgido não como fruto de uma rearticulação econômica, mas de uma necessidade interna:

"torna-se necessário por motivo das distâncias que os separaram dos centros populosos, mercê da extensão dos domínios, ou por outras considerações de ordem prática e econômica, a presença de toda uma pequena indústria de carpinteiros, ferreiros e outros, bem como, frequentemente, até de manufaturas de pano e vestuário."³

Celso Furtado enfatiza a economia de subsistência, ausência permanente de atividades econômicas de vulto nas regiões mineiras; "todo o sistema se ia assim atrofiando, perdendo vitalidade, para finalmente desagregar-se numa economia de subsistência."⁴ Minas foi abastecida com o gado para alimentação e mulas para

transporte, principalmente pelas regiões nordeste e sul. A ausência de outras atividades complementares à atividade mineratória, teria sido a causa da decadência que se verificou nas Minas.

Segundo Roberto Simonsen a peculiaridade da atividade da mineração era que para se desenvolver, diferentemente da atividade da produção do açúcar, não necessitava de muitos homens e muitas posses. Dessa forma, para se instalar, o minerador encontrava certas facilidades e grande era o número de proprietários das catas e exploradores. No início da nossa era o que se via por toda a parte era uma região que se encontrava em ruínas, num aspecto de triste desolação. A pobreza do meio teria sido, para este autor, a causa de esgotamento das regiões uma vez que:

"os campos de mineração brasileiros, no entanto, são constituídos em grande parte de terras pobres, e as cidades formadas nas proximidades de nossas jazidas mineradoras tiveram uma prosperidade efêmera, de poucos decênios, em harmonia com a produção das jazidas".⁵

Viajantes como os citados anteriormente, ao descreverem as regiões mineiras no século XIX, afirmam o caráter decadente da economia e o cenário incontestável de extrema pobreza em contraste com um passado rico e grandioso.

2.2 - A HISTORIOGRAFIA REVISIONISTA

Os autores revisionistas contestam a ideia de falência geral das Minas Gerais, em função da decadência da extração do ouro, apontando o surgimento de diversas atividades distintas da mineratória como sustentáculo da economia mineira do final do período do ouro. Essas atividades teriam sustentado a economia de diversas regiões

mineiras quando houve o esgotamento das minas de ouro. Autores como Francisco Eduardo Andrade, Waldemar de Almeida Barbosa, Robert Slenes, Roberto Martins Sérgio Buarque de Holanda entre outros consideraram o caráter diversificado da economia mineira desde, pelo menos, meados do século XVIII.

Segundo Francisco Eduardo Andrade "... este processo de readaptação econômica acompanhado de uma diversificação das atividades produtivas resultou de um processo que já vinha ocorrendo desde o século XVIÍI, quando a mineração era, a atividade produtiva predominante"⁶. Poderemos perceber essa diversificação em atividades como a agrícola e outras atividades complementares como a produção doméstica artesanal (fios e tecidos), atividades comerciais, criação de gado e outros ofícios.

Para Waldemar de Almeida Barbosa o surgimento de atividades como a criação de gado e agricultura teriam sido alternativas de alguns mineradores desiludidos que com o fim da mineração buscaram outros meio de vida. Como afirma João Manoel da Cruz, concordando com este autor: "o mineiro já desesperado se passa a lavrador ou criador de gado ou erige um engenho de águas ardentes, açúcar..."⁷. Essas atividades teriam proporcionado ainda o povoamento de algumas regiões como o Alto São Francisco, região propícia à criação de gado, que teria desenvolvido uma agricultura de subsistência e criação de gado para exportação, principalmente na Segunda metade do século XVOI. O terreno dessa região era constituído de chapadões ou baixadas com boas pastagens, apropriado para gado.

Sérgio Buarque de Holanda, em 1960, ao contrário dos autores tradicionais, foge de toda análise que coloca a economia mineira de forma totalmente especializada e centralizada. Admite uma variedade maior das produções e também a importância do

mercado interno. E um dos primeiros a afirmar a existência da agricultura de subsistência como atividade paralela à mineração, convencendo-nos de que, mesmo após o declínio da atividade do ouro, a agricultura já estava enraizada. Caio Boschi, em seu breve artigo intitulado *Nem tudo o que reluz vem do ouro...*, analisa a ideia de que Minas Gerais, da época colonial, não pode ser representada apenas pela extração do ouro, fazendo referência ao espaço urbano e seu comércio. Atividade que se mantinha não apenas pelos trabalhadores do ouro, mas também abastecia outras atividades, paralelas ao ouro. Vinculado a esse espaço urbano havia o comércio de maior porte se organizava entre as províncias.

Douglas Cole Liby considera a produção têxtil artesanal em Minas. De acordo com o autor houve uma recuperação econômica do setor com a produção principalmente por mulheres que se voltaram para a profissão de teceleira e fiadeira.

Para autores revisionistas havia áreas que eram menos propícias à agricultura como no caso de António Pereira. (Ver mapa em anexo)

Dessa constatação podemos observar que António Pereira, com áreas impróprias à agricultura, dificilmente teria no cultivo da terra uma renda alternativa para substituir a atividade mineratória em declínio.

3 - LOCALIZAÇÃO DOS ARRAIAIS DE ANTÔNIO PEREIRA E FURQUIM

Os arraiais de António Pereira e Furquim integravam o Termo da cidade de Mariana que por sua vez pertencia à Comarca de Ouro Preto. O Termo era constituído por distritos que juntos delimitavam uma área espacial. O termo de Mariana era constituído por aproximadamente 44 distritos no século XIX. São

Caetano, Ponte Nova, Catas Altas, Sumidouro, Piranga, Ubá, Passagem, Antônio Pereira, Furquim, foram alguns deles.

Mariana, primeiro chamada de Ribeirão do Carmo, foi um dos primeiros arraiais surgidos a partir das expedições dos bandeirantes paulistas em busca do ouro. Localiza-se "a leste da cadeia de montanhas Mantiqueira/ Espinhaço, no lado montanhoso do oriente das gerais."⁸ na zona da Mata de Minas Gerais. A ocupação e colonização da região de Mariana começou efetivamente em inícios do século XVIII. Foi quando surgiu o maior número de distritos que integrariam o Termo dessa localidade. A fome pelo ouro e a busca por alimentos foram as principais motivações que levaram esses aventureiros bandeirantes a fundarem esses distritos.

Francisco Eduardo Andrade estudou a região de Mariana nos séculos XVIII e XIX e constatou uma economia totalmente diversificada.

Em seu trabalho "Espaço Económico Agrário e Exteriorização Colonial: Mariana das Gerais nos Séculos XVIII e XIX", analisa o surgimento de diversas atividades em Mariana como as agrícolas em grande extensão e com grande investimento por parte dos seus habitantes.

"...na Segunda metade do Dezoito, vamos encontrar, na região de Mariana, uma economia tão diversificada que as unidades produtivas especializadas nas atividades mineratórias vão ser largamente suplantadas pelos estabelecimentos agrícolas e de agropecuária⁹

Para este autor a agricultura foi o laço que se uniu à mineração na sustentação da economia da região de Mariana no século XVIII e posteriormente, com o fim da mineração, teria sustentado a economia de Mariana.

"A diversificação das atividades econômicas nas unidades produtivas já se verificava no período inicial de colonização da região de Mariana, tornando-se perceptível ao longo do século XVII e consolidando-se no XIX. As atividades agropecuárias (incluindo a manufatura agrícola), além da tradicional articulação com a exploração aurífera, tenderam a se ligar, nas fazendas ou sítios, à produção de ferramentas, roupas utensílios, mobiliário, enfim, a tudo que garantisse uma certa autonomia das unidades em relação ao mercado."¹⁰

Para este autor o surgimento de todas estas atividades diversificadas sustentaram a economia de Mariana. Na segunda metade do XVIII apenas 10% das unidades produtivas encontravam-se voltadas para a mineração e 40% para as atividades agropecuárias. No século XIX a pecuária e a mineração desenvolvem-se ainda mais e a mineração perde seu vigor na sustentação da economia. Temos em Mariana, segundo este autor, desde o século XVII, o surgimento de engenhos de cana, sinal de economia alternativa muito difundida entre as fazendas da região. Essa atividade teria crescido muito em Mariana ao longo do século XVIII, chegando a possuir o maior número de engenhos e engenhocas de cana da província de Minas Gerais.

Analisaremos Antônio Pereira e Furquim enquanto integrantes do Termo de Mariana e nosso interesse está em investigar até que ponto uma e outra perspectiva historiográfica, tradicional e revisionista, pode ser aplicada para analisar as regiões em apreço.

3.1 - O ARRAIAL DE ANTÔNIO PEREIRA

O início do povoamento de Antônio Pereira se deu no alvorecer do século XVIII, a partir de 1700, quando o bandeirante português, Antônio Pereira, engajou-se numa expedição à procura de novas minas de ouro. Ao pé de uma montanha em local de difícil acesso como considerou Saint-Hilaire Bunbury, descobriu os achados que dariam origem ao arraial "Bonfim de Mato dentro, mais tarde Antônio Pereira"¹¹. Podemos dizer que os achados em Antônio Pereira foram fruto de uma complexa e grande cadeia de exploração das zonas auríferas que se deu por todas as regiões de Minas Gerais a partir da descoberta do ouro, em finais do século XVII.

Durante o período colonial a Igreja Católica esteve intimamente ligada à coroa portuguesa, a ponto das duas instituições terem seus bens e seus papéis confundidos e/ou trocados. Logo é compreensível que, ao primeiro indício de que em alguma região descoberta existisse sinais de ouro surgisse nessa região o marco de posse e domínio da coroa representado na elevação de uma capelinha. O que de fato se deu em todas as regiões mineiras e em Antônio Pereira. Logo que os achados foram descobertos, Antônio Pereira, bandeirante português, "fundou uma capelina, na fazenda ou arraial do mesmo nome, no ano de 1700. Reformou-se em 1710 com aprovação régia e foi elevado a paróquia no ano de 1752" ¹².

Após a consolidação dos achados as minas de ouro do arraial de Antônio Pereira foram exploradas pela população que ali se fixou. Podemos dizer que os primeiros moradores não se preocuparam com o desenvolvimento interno do arraial.

Quando o viajante Saint-Hilaire passou por essa região em sua viagem, pela província de Minas Gerais, no século XIX, constatou o que se segue;

".... Continuando nossa rota subimos e descemos várias vezes, seguindo pelos caminhos mais horríveis, e chegamos finalmente a um vale de tal modo sombrio que, comparado a ele, a região que acabávamos de atravessar poderia passar por risonha. Os morros que rodeiam são cobertos de uma relva pardacenta, e exibem a imagem da esterelidade; em todos os lugares em que o trabalho dos mineradores despojou a terra da vegetação, ela apresenta uma coloração vermelho escura; e as águas pouco abundantes do regato do Guaíacha, que corre pelo vale, deixam ver seu luto de cor negra.... Além disso não se percebe no campo o menor sinal de cultura; não se vê um único rebanho em meio às vastas pastagens que cobrem os morros..."¹³

Diogo de Vasconcelos ao considerar as descobertas de Antônio Pereira trata esta região como perigosa, cheia de animais ferozes e florestas intransponíveis e considera as suas catas como intratáveis.

"As catas desse descoberto foram intratáveis, as florestas porventura medonhas, e a paragem de mais a mais frequentada de animais e de serpentes mortíferas."¹⁴

A dificuldade de acesso à região poderia até "explicar", em parte, a ausência de um investimento em outras atividades, distintas da mineração.

Ao analisarmos a documentação referente a Antônio Pereira para os anos de 1819 a 1833 pudemos constatar que essa região, como considerado anteriormente, se mostrava imprópria para o cultivo de agricultura, não desenvolvendo atividades ligadas a esse setor que pudessem servir de sustentáculo à economia do distrito. Utilizando a lista nominativa do ano de 1819-20 observamos que a maioria das ocupações dos chefes de domicílios estava relacionada à atividade mineratória. Constatamos que as atividade

desenvolvidas em Antônio Pereira não foram tão diversificadas como aquelas atividades desenvolvidas em Furquim, como veremos pouco mais à frente. No arraial de Antônio Pereira, as ocupações dos chefes de domicílios, em sua maioria, estavam relacionadas à atividade mineratória. As tabelas abaixo nos permitirão melhor visualizar as características de Antônio Pereira para o ano de 1819-20.

TABELA 1: CHEFES DE DOMICÍLIOS EM ANTÔNIO PEREIRA (1819 - 1820)

Nº DE DOMICÍLIOS	138	%
HOMENS	74	54%
MULHERES	64	46%

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM
Os chefes de domicílios possuem 279 filhos

TABELA 2: ESCRAVOS EM ANTÔNIO PEREIRA (1819 - 1820)

Nº DE ESCRAVOS	426	%
ESCRAVOS	241	56 %
ESCRAVAS	123	29%
CRIANÇAS ATE 14 anos	62	15%

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 3: AGREGADOS EM ANTÔNIO PEREIRA (1819 - 1820)

Nº DE AGREGADOS	63	%
AGREGADOS	21	33%
AGREGADAS	30	48%
CRIANÇAS ATE 14 anos	12	19%

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES DOS CHEFES DE DOMICÍLIOS EM ANTÔNIO PEREIRA (1819- 1820)

OCUPAÇÕES	Nº	%
MINEIRO	37	27%
VENDA DA TERRA/DO REYNO	11	8%
FERREIRO	06	4%
POBRES	06	4%
CARREIRO	03	2%
TORNEIRO	03	2%
COSTUREIRA	03	2%
ALFAIATE	02	1%
CHACRERO	01	0,7 %
TOUCINHEIRO	01	0,7 %
SELEIRO	01	0,7 %
SAPATEIRO	01	0,7 %
FEITOR	01	0,7 %
PARTEIRA	01	0,7 %
VENDA DO REYNO	01	0,7 %
LOJA DE FAZENDA	01	0,7 %
IMPOSSIBILITADOS	54	39 %
OUTROS	08	6%
O item outros corresponde a: carreiro, ermitão, estalagadeira, torneiro, sem ocupação definida ou outra situação.		

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

As ocupações descritas na lista da tabela 4, em sua maioria constituem-se de serviços direcionados para a atividade mineradora. Temos que 27 % dos chefes de domicílios dedicavam-se ao trabalho nas minas. Nesta lista não há nenhum sinal de atividade manufatureira, artesanal ou mesmo agrícola com o cultivo de outros produtos. As demais atividades constituíam-se de serviços domésticos de pequeno porte.

O número de escravos empregados neste domicílio era em de média 3 escravos para cada chefe. O número de agregados, por sua vez, era tão pequeno, que alguns domicílios não possuía nenhum agregado. Como a mineração era uma

atividade que não necessitava de muitos empregados o baixo número de escravos e agregados nos domicílios do distrito de Antônio Pereira reforça o caráter minerador desta localidade.

Veremos, a partir de agora, dados de outros anos para o distrito de Antônio Pereira que nos permitirão complementar nossas informações para esta localidade. Compararemos as tabelas com seus respectivos dados e analisaremos o desenvolvimento de Antônio Pereira através deles.

TABELA 5: RELAÇÃO DAS LAVRAS DE MINERAR, ANTÔNIO PEREIRA EM 1822

LAVRAS DE MINERAR	05
ESCRAVOS	71
EMPREGADOS	11

FONTE: Relação das Lavras de Minerar e Fábricas de Ferro - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 6: RELAÇÃO DAS FÁBRICAS DE FERRO, ANTÔNIO PEREIRA EM 1822

FABRICAS DE FERRO	04
ESCRAVOS	73
EMPREGADOS	18

FONTE: Relação das Lavras de Minerar e Fábricas de Ferro - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 7: LISTA DE FOGOS DE ANTÔNIO PEREIRA EM 1830

Nº DOMICÍLIOS: 141	NO ARRAIAL: 129	FORA DO ARRAIAL: 12
CHEFES HOMENS	68	09
CHEFES MULHERES	61	03

FONTE: Lista de Fogos - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

CENSO DA PROVÍNCIA DE MG - MUNICÍPIO DE MARIANA - DISTRITO DE ANTÔNIO PEREIRA EM 1833

TABELA 8: TOTAL DE HABITANTES EM ANTÔNIO PEREIRA (1830)

TOTAL DE HABITANTES	1496
HOMENS	618
MULHERES	674
CRIANÇAS ATÉ 15 ANOS	204

FONTE: Lista do Censo de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal – AHCM

TABELA 9: TOTAL DE HABITANTES POR GÊNEROS EM ANTÔNIO PEREIRA (1830)

	BRANCOS	PARDOS	PRETOS
HOMENS	60	198	360
MULHERES	74	312	288
TOTAL	134	510	648

FONTE: Lista do Censo de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 10: POPULAÇÃO LIVRE DE ANTÔNIO PEREIRA (1830)

POPULAÇÃO LIVRE	722
HOMENS	288
MULHERES	434

FONTE: Lista do Censo de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 11: POPULAÇÃO ESCRAVA EM ANTÔNIO PEREIRA (1830)

POPULAÇÃO ESCRAVA	436
HOMENS	270
MULHERES	166

FONTE: Lista do Censo de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

Não percebemos na documentação referente a este distrito nenhum indício de fábricas ou engenho de cana o que aponta para a ausência dessa atividade.

Comparando as tabelas 1 e 7 percebemos um pequeno aumento no número de domicílios, mas o que não parece Ter acarretado o desenvolvimento de outras atividades.

As tabelas 5 e 6 nos apresenta a quantidade de fábricas de ferro e minerar do distrito, outro indício de que apenas a mineração era explorada.

Comparando as tabelas 2, 3, 10 e 11 percebemos um acréscimo considerável na população livre e escrava. Avaliamos esse aumento como um incremento da mão-de-obra empregada nas minas, uma vez que outras atividades não teriam surgido ao longo do século XVIII e em inícios do XIX.

3.2 - O ARRAIAL DE FURQUIM

O surgimento do arraial de Furquim, segundo dados de Diogo de Vasconcelos, aconteceu por volta de 1703. António Forquim teria descoberto as minas que dariam origem ao lugar, daí o nome Furquim. Veremos agora como esta região encontrava-se economicamente, em início do século XIX.

Francisco E. Andrade analisou núcleos como São Caetano, Furquim e Catas Altas como sendo importantes centros mineradores ao longo dos setecentos. Todavia, após o declínio da mineração, essas regiões sofreram um processo adiantado de reordenamento económico, centrado nas atividades agrícolas.

Este autor constatou que o arraial de Furquim era uma das maiores regiões produtoras de aguardente no final do XVIII. A maioria dos engenhos era movida por força animal (bois) e nestes locais trabalhavam poucos escravos, em 1820. Havia também roceiros e fazendeiros com poucos escravos (menos de 20) que dedicavam-se a essas atividades. As mulheres, por sua vez, desempenhavam atividade manufactureira de algodão, nos teares, nas roças em seus próprios domicílios. Foi

intensa a produção manufatureira; "Em 1804, nas povoações de Furquim e São Caetano, a maioria das mulheres, segundo as relações nominais de habitantes, estavam ocupadas com fiação e tecelagem de algodão."¹⁵

Em seus estudos Francisco E. Andrade considera que Mariana convivia com atividades agrícolas, mineração de ouro e pedras preciosas em conjunto. Analisando as listas nominativas de 1819 a 1822 este autor constatou as características agrárias dessas regiões. Para a região de Furquim encontrou a seguinte caracterização: na agricultura se distinguem dois grupos de ocupações económicas; um que se constituía os detentores de 1 a 10 cativos (médios planteis)que eram denominados roceiros. Outro grupo, constituía-se dos que possuíam acima de 11 escravos, que seriam os agricultores. Em Furquim, 45,3% das pessoas com as ocupações selecionadas estavam envolvidas em atividades agropecuárias e 25,6% dedicavam-se às atividades artesanais, enquanto que na mineração apenas 3,6% da população se encontrava ocupada. Dos chefes de domicílios, 59,6% não eram proprietários de escravos e 38,1 % possuíam de 1 a 10 cativos.

As pessoas que possuíam grande número de escravos eram comumente chamadas de fazendeiros. Os roceiros, que correspondia a 85,4% dos chefes de domicílio, detinham 28,7% da escravaria envolvida com atividades agropecuárias, enquanto que os fazendeiros, correspondendo a 14,7% dos chefe de domicílio eram possuidores de 71,3% dos escravos trabalhadores no setor agrícola.

Os dados acima corroboram a historiografia revisionista e coloca Furquim como uma das regiões que desenvolveu atividades paralelas à mineração, como a agricultura e outras atividades manufatureiras.

Pela Lista Nominativa de 1822, constatamos os seguintes dados para o Distrito de Furquim:

TABELA 12: CHEFES DE DOMICÍLIOS EM FURQUIM (1822)

Nº DE DOMICÍLIOS	610	%
HOMENS	505	83%
MULHERES	105	17%

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 13: ESCRAVOS EM FURQUIM (1822)

Nº DE ESCRAVOS	2054	%
ESCRAVOS	1306	64%
ESCRAVAS	748	36%

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 14: AGREGADOS EM FURQUIM (1822)

Nº DE AGREGADOS	1780	%
HOMENS	827	46%
MULHERES	953	54%

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 15: CRIANÇAS EM FURQUIM (1822)

CRIANÇAS ATE 14 anos	141	%
LIVRES	112	79%
CATIVAS	25	18%
BRANCOS	04	3%

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 16: DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES DOS CHEFES DE DOMICÍLIOS EM FURQUIM (1822)

HOMENS		%
ROCEIRO	223	37%
AGRICULTOR	55	9%
JORNALEIRO	49	8%
TABERNEIRO	17	3%
ALFAIATE	14	2%
CARAPINA	12	2%
ARRIEIRO	11	2%
MINEIRO	10	2%
NEGOCIANTE	11	2%
FERREIRO	10	1,6%
SAPATEIRO	06	1%
MENDICANTE	06	1%
FAISCADOR	05	0,8 %
LATOEIRO	03	—
CAPELÃO	03	—
CIRURGIÃO	03	—
TROPEIRO	02	—
ORDENS	02	~
OUTRAS	14	3%
SEM OCUPAÇÃO	48	8%

A opção "outras" corresponde às ocupações: mestre público, pároco, sacristão, feitor, mercador, vintena, pintor, marchante, lapidário, marceneiro, pedreiro, seleiro, fazendeiro e carreiro, sendo que aparecem apenas uma única vez em toda a lista.

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 17 DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES DAS CHEFES DE DOMICÍLIOS EM FURQUIM (1822)

MULHERES		%
FIADEIRA	76	12%
AGRICULTORA	11	2%
TECEDEIRA	05	0,8 %
CHACRERA	04	—
MINEIRA	02	—
LAVADEIRA	02	-
QUITANDEIRA	02	—
COSTUREIRA	01	—
PARTEIRA	01	—
MENDICANTE	01	—

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

Notamos um número considerável de mulheres como chefes de domicílios, principalmente desenvolvendo a atividade de fiar, bem como um número considerável de mulheres na agricultura. Observamos também o desempenho de mulheres nas mesmas ocupações que os homens desempenhavam como na mineração, na costura, na mendicância.

Ainda para este distrito, constatamos as seguintes ocupações desempenhadas pelos agregados:

TABELA 18: DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES DOS AGREGADOS

HOMENS	
JORNALEIRO	72
ROCEIRO	23
ARRIEIRO	14
ALFAIATE	09
FEITOR	0
CARAPINA	07
SAPATEIRO	07
FAISCADOR	08
NEGOCIANTE	05
FERREIRO	05
APRENDIZ	05
TABERNEIRO	02
PEDREIRO	02
MENDICANTE	01
ORDENS	01
CRIADOR	01

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 19: DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES DAS AGREGADAS

MULHERES	
FIADORA	102
RENDEIRA	03
COSTUREIRA	03

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

As ocupações desenvolvidas pelos agregados como podemos visualizar através das tabelas 18 e 19 são, exceto pela expressiva concentração de jornaleiros, ocupações bem diversificadas, tal como as desenvolvidas pelos chefes de domicílios de Furquim.

Analisando uma lista nominativa da mesma região para o ano de 1835, reafirmamos os achados de Francisco Eduardo Andrade ao constatar o grande número de atividades diversificadas, distintas da mineração. Vejamos as tabelas a seguir:

TABELA 20: CHEFES DE DOMICÍLIOS EM FURQUIM (1835)

Nº DE DOMICÍLIOS	542	%
HOMENS	359	66,2 %
MULHERES	183	33,8 %

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 21: ESCRAVOS EM FURQUIM (1835)

Nº DE ESCRAVOS	1351	%
ESCRAVOS	634	46,9 %
ESCRAVAS	428	31,7%
CRIANÇAS ATE 14 anos	289	21,4 %

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 22: DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES DOS CHEFES DE DOMICÍLIOS

HOMENS		%
LAVRADOR	145	40,4
JORNALEIRO	43	12,0
TROPEIRO	29	8,0
NEGOCIANTE	23	6,4
SEM OCUPAÇÃO	17	4,7
CARPINTEIRO	16	4,5
ALFAIATE	15	4,2
FERREIRO	13	3,6
CARAPINA	10	2,8
SAPATETRO	08	2,2
FAISCADOR	08	2,2
IMPOSSIBILITADOS	08	2,2
MINEIRO	05	1,4
PANELEIRO	02	0,6
LAPIDARIO	02	0,6
FAZENDEIRO	02	0,6
OUTROS	13	3,6
TOTAL	359	100%
OS IMPOSSIBILITADOS CORRESPONDEM A: 2 ALEIJADOS; 2 DOENTES; 2 ALEIJADOS; 1 CEGO; 1POBRE.		

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal – AHCM

TABELA 23: DISTRIBUIÇÃO DAS OCUPAÇÕES DOS CHEFES DE DOMICÍLIOS

MULHERES		%
FIADORA	113	62,0
LAVRADORA	21	11,5
TECELEIRA	16	8,7
COSTUREIRA	15	8,2
SEM OCUPAÇÃO	06	3,3
IMPOSSIBILITADAS	04	2,2
RENDEIRA	02	1,1
JORNALEIRA	01	0,5
DOCEIRA	01	0,5
FAISCADEIRA	01	0,5
QUITANDEIRA	01	0,5
PADEIRA	01	0,5
PARTEIRA	01	0,5
TOTAL	183	100%
AS IMPOSSIBILITADAS CORRESPONDEM A: 2 ALEIJADAS/TOLAS; 1 DOENTE E 1 POBRE.		

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 24: RELAÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DE FÁBRICAS DE CANA EXISTENTES NO DISTRITO DE FURQUIM (1835)

PROPRIETÁRIO	-----
HOMENS	20
MULHERES	02
TOTAL	22

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 25: RELAÇÃO DAS FÁBRICAS DE CANA EXISTENTES NO DISTRITO DE FURQUIM (1835)

ENGENHOS	
DE BOIS	17
DE AGUA	05
TOTAL	22

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

TABELA 26: RELAÇÃO CHEFES DE DOMICÍLIOS/ESCRAVOS EM FURQUIM (1835)

CHEFES	NUMERO	PORCENTAGEM
SEM ESCRAVOS	375	69,2%
DE 1 A 10 ESCRAVOS	127	23,4%
MAIS DE 10 ESCRAVOS	40	7,4%

FONTE: Lista Nominativa de Habitantes - Arquivo Histórico da Câmara Municipal - AHCM

Observações:

08 chefes de domicílios possuíam 461 escravos, ou seja, 34,0% do total.
Chefes que eram escravos: 37, dos quais apenas 4 não possuíam escravos.
Chefes que eram escravos forros: 3
Há registro de 136 agregados

* Não há fábricas de mineração no distrito

Nas lista de 1822 e 1835 o que pudemos observar é o grande número de atividades diversificadas: agricultor, mineiro, jornaleiro, ferreiro, tropeiro, sapateiro, alfaiate, carapina, arrieiro, roceiro, pedreiro, lavadeira, fiadeira, tecedeira, lavadeira, faisgador, costureira, quitandeira, ordens, mendicante, parteira, negociante, cirurgião, taberneiro, chacrera, carpinteiro, paneleiro, fazendeiro, doceira, rendeira, padeira, lavradora, lapidário, lavrador. Isso reafirma a hipótese dos autores revisionistas que consideraram o caráter distinto da economia de Furquim , comparativamente a outras regiões mineradoras.

Comparando as tabelas 12, 13, 20 e 21, notamos que houve uma pequena diminuição no número de domicílios e conseqüentemente no de escravos mas o caráter diversificado permanece como constatamos nas tabelas 16, 17, 18 19, 22, 23 e 26.

4 - CONCLUSÃO

As análises referentes a Antônio Pereira e Furquim mostraram que estas regiões tomaram rumos bem diferentes quanto a sua forma de substituir a exploração do ouro, em decadência, por outras atividades. No início do século XIX suas economias se encontravam de

Percebemos nessas regiões uma grande diferenciação no número de domicílios, escravos, agregados e principalmente nas atividades que foram se desenvolvendo ao longo do período.

A região de Furquim articulou sua economia de forma diversificada, como demonstramos diferentes atividades exercidas pelos chefes de domicílios e por seus agregados. As atividades referente à mineração constituía a minorias no conjunto das atividades ali desenvolvidas.

Podemos aplicar a teoria da historiografia revisionista nesta localidade pois, como seus autores propõe, notamos um reordenamento económico centrado nas atividades distintas da mineração.

O distrito de Antônio Pereira, por sua vez, voltou-se exclusivamente para a mineração. No fim do período de exploração do ouro essa região não conhecia formas alternativas para se sustentar economicamente. Para esta região a teoria da historiografia tradicional se aplica.

Concluimos que a explicação mais plausível, e que já teria sido considerada pelos próprios autores tradicionais, para essa distinção estaria nas propriedades do terreno para o cultivo de determinados produtos. Furquim foi uma região que pela fertilidade natural das suas terras facilitou o surgimento de roças e vários tipos de culturas agrícolas. O solo de Antônio Pereira não era fértil o

suficiente para favorecer o surgimento da agricultura ou outras atividades como aconteceu no distrito de Furquim.

Uma análise comparativa destas regiões com outras áreas que desenvolveram a atividade da mineração em muito contribuirá para conclusões mais precisas, portanto fica destacado que ainda há muito a considerar e relativizar ao se tratar de economia das regiões não consideradas neste breve estudo.

5 - NOTAS DO TEXTO

- 1 ALMEIDA, Carla Maria. Minas Gerais de 1750 a 1850: bases da economia e tentativa de periodização". *Revista do LPH*, nº 5 (1955).
- 2 PRADO Jr, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo. Brasiliense.1983. p.171.
- 3PRADO Jr., Caio. Formação do Brasil Contemporâneo.1983. P.220
- 4FURTADO, Celso. Formação Económica do Brasil. 1986. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, P.84.
- 5 SIMONSEN, Roberto. História Económica do Brasil (1500-1800). São Paulo: Nacional, Brasília (DF) : INL, 1977.
- 6 ANDRADE, Francisco Eduardo: Roceiros em Minas Gerais do Segundo Quartel do Século XIX: hierarquia na agricultura de Mariana da primeira metade do século XX. *Revista do LPH*, nº 7 (1997), ppl08- 118.
- 7 CRUZ, João Manoel da. IN: Waldemar de Almeida Barbosa A decadência das Minas e A Fuga da Mineração. Belo Horizonte (MG). Edição do centro de Estudos Mineiros, 1971.
- 8 BARBOSA, Waldemar de Almeida. A decadência das minas e a Fuga da Mineração. Belo Horizonte (MG). Edição do centro de Estudos Mineiros, 1971.
- 9 ANDRADE, Francisco Eduardo: Espaço Económico e Agrário e Exteriorização Colonial: Mariana das Gerais nos séculos XVIII e XIX. P.113. Mariana, ICHS.
- 10ANDRADE, Francisco Eduardo. Espaço Económico e Agrário e Exteriorização Colonial: Mariana das Gerais nos séculos XVIII e XIX. P. 113. Mariana, ICHS.
- 11 VASCONCELOS, Diogo. História Antiga das Minas Gerais. *Novos Arraiais*. V 1. P. 178. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.
- 12 VASCONCELOS, Diogo. *História Média de Minas Gerais*. 4 ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.
- 13 SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem Pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. P.85.
- 14 VASCONCELOS, Diogo. *História Média de Minas Gerais*. 4 ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.
- 15 COSTA, Iraci Del Nero da, 1928, p!28. COSTA. Minas Gerais: estruturas populacionais típicas. São Paulo: EDEC, 1982.

6 - FONTES

Fontes Impressas:

- Livros da bibliografia;
- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros
- Relação das lavras de mineração e fábricas de ferro de Antônio Pereira de 1822,
- Lista de Fogos de Antônio Pereira de 1830,
- Censo Populacional de Antônio Pereira de 1833,

- Fontes Manuscritas:

- Lista Nominativa de Antônio Pereira de 1819-1820,
- Listas Nominativas de Furquim de 1822 e 1835
- Arquivo Municipal da Câmara: códices 633, 663, 733 e 735

7 - REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Francisco Eduardo. Roceiros e fazendeiros: hierarquia na agricultura de Mariana da primeira metade do século XX. *Revista do LPH*, nº 7 (1997), pp 108-118.

_____. Espaço Econômico e Agrário e Exteriorização Colonial: Mariana das Gerais nos séculos XVIII e XIX.

ALMEIDA, Carla Maria C. "Minas Gerais de 1750 a 1850: bases da economia e tentativa de periodização". *Revista do LPH*, nº 5 (1955), pp. 88-111.

ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*. Belo Horizonte(MG): Itatiaia, São Paulo: Edusp,1982.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. *A decadência das Minas e A Fuga da Mineração*. Belo Horizonte (MG). Edição do centro de Estudos Mineiros, 1971.

BOSCHI, Caio C. Nem Tudo que reluz vem do ouro... SZMRECSANYL, T. (org.). *História Económica do período Colonial*. São Paulo: HUCITEC, 1996

BUNBURY, Charles J. F. *Viajem de um Naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833 - 1835)*.

COSTA, Iraci Del Nero da. COSTA, Iraci Del Nero da. *Minas Gerais: estruturas populacionais típicas*. São Paulo: EDEC, 1982.

ECO, Umberto. *Como se Faz uma Tese*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1983.

ESCHWEGE, W. W. von. *Phito Brasiliensis*. Belo Horizonte (MG): Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1976.

FURTADO, Celso. *Formação Económica do Brasil*. 21 ed. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1972.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *Algumas Perspectivas da Historiografia sobre Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*. TERMO DE MARIANA: História e Documentação - Mariana : Imprensa Universitária da UFOP, 1998.

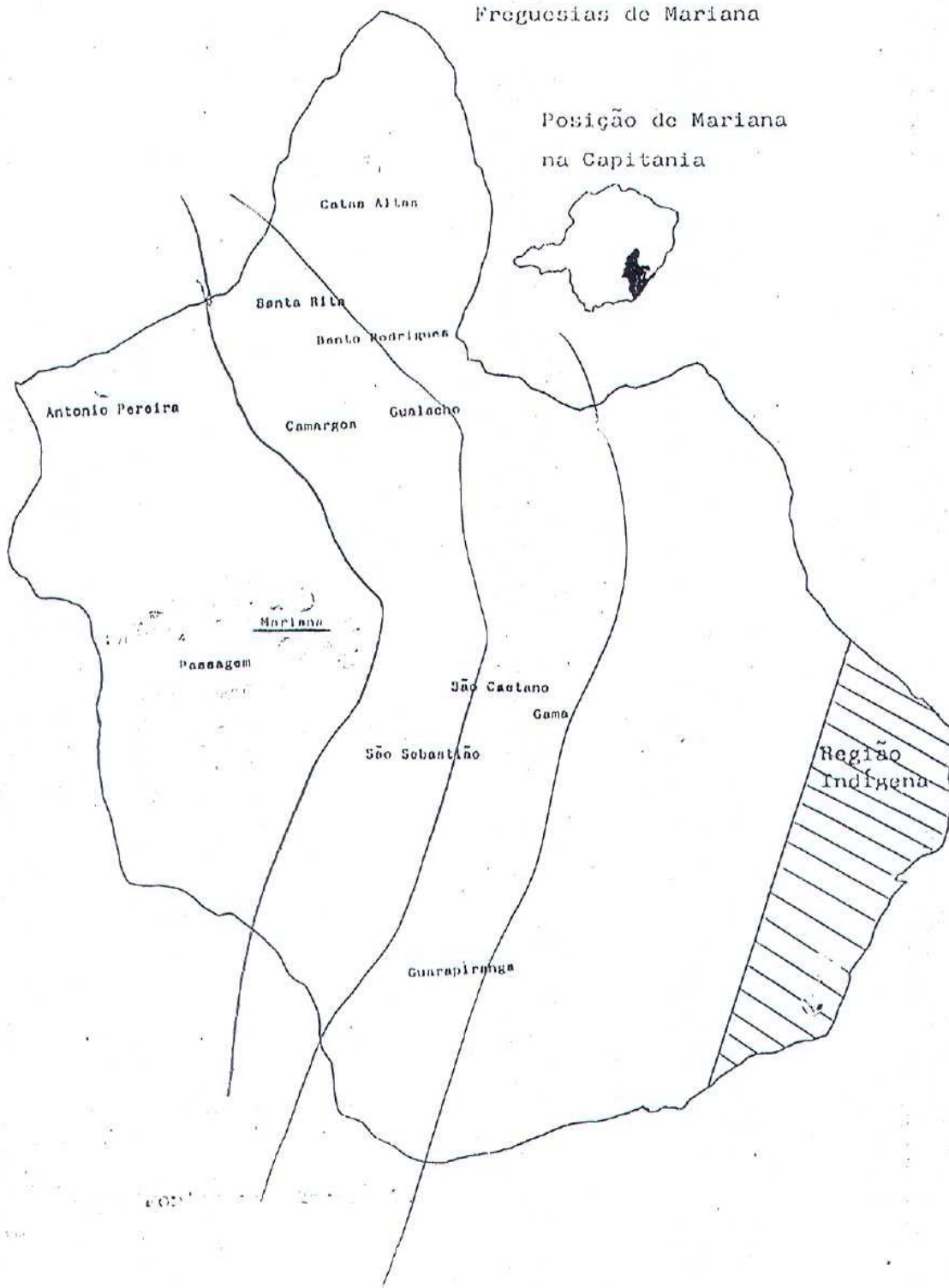
HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Metais e Pedras Preciosas. História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1973, T. I, V. II.

- IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais. In: HOLANDA, S. B. de (coord.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo 1, Volume 2. 6 ed. São Paulo: Difei, 1985.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *A transformação do trabalho : A passagem para o trabalho livre na Zona da Mata Mineira, 1870 - 1920*. Campinas (SP) : Editora da UNICAMP, Brasília (DF) : CNPq, 1988.
- LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: O abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808 - 1842*. São Paulo: Símbolo, 1979
- LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e Trabalho em uma economia escravista : Minas Gerais no século XIX*. São Paulo : Brasiliense, Brasília (DF) : CNPq, 1988.
- _____. Notas sobre a Produção têxtil brasileira no final do século XVIII: novas evidências de Minas Gerais. *Estudos econômicos*. 27 (1): 97-125, jan./abr. 1997.
- LINHARES, Maria Yeda. O Brasil no século XVIII e a Idade do Ouro: a Propósito da problemática da decadência. *Seminário sobre cultura mineira no período colonial*. Belo Horizonte: Conselho e Cultura de Minas Gerais, 1979.
- LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci Del Nero da Costa. *Minas Colonial: Economia e Sociedade*. Estudos Econômicos - FIEPE, Pioneira, São Paulo, 1982.
- MATOS, Raimundo José Cunha *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais* (1837). Belo Horizonte, Itatiaia/SP, Editora da USP, 1981, V I e II.
- MARTINS, Maria do Carmo Salazar. Revisitando a Província: Comarcas, Termos, Distritos e Populações de Minas Gerais em 1833-35. *V Seminário Sobre a Economia Mineira, Diamantina*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1990.
- MARTINS, Roberto, MARTINS, Maria C. S. *As exportações de Minas Gerais no século XIX*
- PAIVA, Clotilde Andrade. *População e economia nas Minas Gerais do século XIX*. São Paulo: USP, 1996.
- PAIVA, Clotilde Andrade, MARTINS, Maria do Carmo S. Minas Gerais em 1831: Notas sobre a Estrutura Ocupacional de Alguns Municípios. *III Seminário Sobre a Economia Mineira, Diamantina*. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1986.
- PRADO Jr. Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- _____. *História Econômica do Brasil*. 34 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

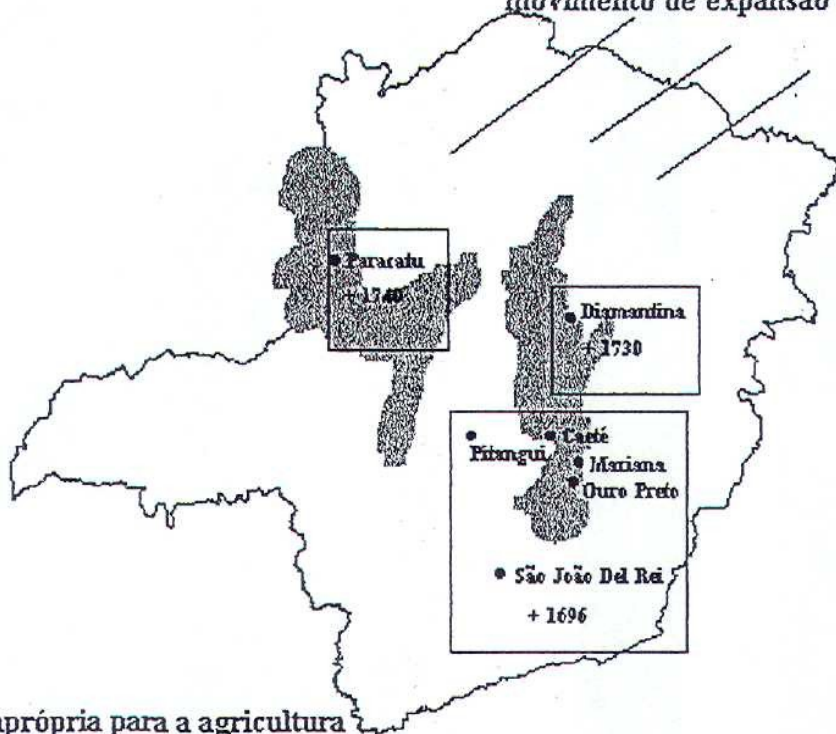
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte : Itatiaia, São Paulo : Edusp, 1981.
- SIMONSEN, Roberto C. *História Económica do Brasil (1500 - 1820)*. 7 ed. São Paulo ; Nacional, Brasília (DF) : INL, 1977. (1ª ed. : 1937).
- SLENES, Robert. O múltiplo de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX. Cadernos IFCH-UNICAMP, N° 17. Campinas. São Paulo, 1985.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro:Graal,1986
- TERMO DE MARIANA: História e Documentação - Mariana : Imprensa Universitária daUFOP, 1998.
- VASCONCELOS, Diogo. *História Média de Minas Gerais*. 4 ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.
- VASCONCELOS, Diogo. *História Antiga das Minas Gerais*. 4 ed. V.II. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.
- ZEMELLA, Mafalda P. O abastecimento da Capitania das Minas Gerais no século XVIII, 2 ed., São Paulo: Hucitec, Edusp, 1990.

Freguesias de Mariana

Posição de Mariana
na Capitania



movimento de expansão da pecuária



- ▨ área imprópria para a agricultura
- núcleos produtores de ouro e diamantes